

Breves considerações à volta de Heterodoxias

João Tiago Lima

Praxis
Universidade de Évora

Se o primeiro volume de Heterodoxia foi recebido não tanto com indiferença, mas sobretudo com uma espécie de silêncio que, provavelmente, terá levado Eduardo Lourenço a adiar por mais de dezassete anos a sua continuação, é forçoso reconhecer que o segundo (e, de certa forma, último) tomo desta série provocou uma considerável repercussão entre leitores e amigos do autor. De facto, desde as recensões de Mário Sacramento, Vergílio Ferreira, João Gaspar Simões, Eduardo Prado Coelho, António Quadros ou Óscar Lopes, para citar somente os nomes mais famosos, até às cartas (publicadas no n.º 171 da revista Colóquio-Letras de Maio de 2009) de Joel Serrão, Sílvio Lima, Adolfo Casaes Monteiro ou António Ramos Rosa, não é possível dizer-se que Heterodoxia II tenha passado propriamente desapercibida. Claro que há bastante heterogeneidade nessas reacções ao livro de 1967, mas julgo que, mesmo no caso das leituras mais críticas, se encontra latente uma sincera admiração pelo ensaísta heterodoxo. Vejamos o caso de Óscar Lopes, cujo texto provocou uma quase imediata resposta do próprio Eduardo Lourenço, facto bastante inabitual e sobre o qual me debrucei no prefácio ao primeiro volume das Obras Completas. Trata-se de uma recensão crítica muito pormenorizada e bastante bem fundamentada, como seria de esperar. E, para além disso, coloca um conjunto de questões extremamente pertinentes que acabam por ficar ofuscadas com a primeira frase do artigo em que o crítico fala de «um ensaísta católico da categoria de Eduardo Lourenço».

Ora, o certo é que durante muitos anos Eduardo Lourenço acabou por não elaborar um terceiro volume de Heterodoxia, apesar de ter esboçado pelo menos uma tentativa, como é facilmente provado pela existência de um índice manuscrito (cf. Imagem n.º 1), existente no seu espólio, no qual se projectava uma continuação de Heterodoxia II. Nessa tábua de matérias – e que poderemos datar, sem grande margem de erro, entre 1967 e o 25 de Abril de 1974 – encontramos várias coisas interessantes. Assim, após um segundo prólogo ao espírito da heterodoxia (Será um lapso? Não deveria ser um terceiro prólogo?), depa-ramos com os seguintes títulos de capítulos: “Situação Espiritual Portuguesa”, “O Mito da Comunidade Luso-Brasileira”, “Ensaio sobre o Ateísmo”, “O Exército e a Inteligentzia”,

“Situação Africana e Consciência Nacional”, “Da Paz como Imperativo Histórico Supremo” e “A Questão da Filosofia Portuguesa e a Filosofia Portuguesa em Questão”. É verdade que alguns destes títulos serão hoje facilmente identificáveis. Por exemplo, “Situação Africana e Consciência Nacional” corresponderia, com certeza, ao que veio a ser o livro com o título homónimo (Amadora, Génese, 1976, Col. “Cadernos Critério 2”), até porque, quando o opúsculo é editado (naturalmente já depois do 25 de Abril, devido à delicadeza política do tema colonial), Eduardo Lourenço esclarece os seus leitores que se trata de um texto elaborado nos primeiros anos da Guerra de Angola. Por outro lado, é muito provável que, mesmo que não haja uma total coincidência entre os dois títulos, “O Exército e a Inteligência” venha, ao menos em parte, a desembocar em Os Militares e o Poder (Lisboa, Arcádia, 1975). Tal como “O Mito da Comunidade Luso-Brasileira” acabará por ser, bastantes anos volvidos, um dos capítulos dos volumes dedicados ao Brasil, organizados por Maria de Lourdes Soares. Quanto aos outros, embora seja possível identificar certos manuscritos inéditos que permitam antever o que poderia vir a ser essa nunca concretizada Heterodoxia III, eles talvez nunca tenham ido além do título. Ou se foram, o seu rasto perdeu-se...

Numa curiosa e muito longa entrevista a Ana Nascimento Piedade, realizada entre 2 e 6 de Abril de 2007, Eduardo Lourenço revelava por que motivo terá hesitado tanto em concluir a edição do terceiro volume de Heterodoxia. Vejamos com alguma atenção o passo da entrevista:

«– Acha que o espírito heterodoxo, visto com alguma profundidade, representa o essencial de Eduardo Lourenço sobre Eduardo Lourenço?

– Sim, porque senão não voltava a pôr o mesmo título.

– Da segunda vez, ou seja, vinte anos depois.

– Da segunda vez e agora estou à espera da terceira. Eu não ponho a terceira, porque eu sei que é a última e é por superstição que eu não quero pôr, porque eu ponho o título e acabo. De maneira que não ponho a Heterodoxia 3. Mas está todo completo.

– Está escrito?

– Está.

– Então, podemos falar sobre ele?

– Pode ficar para depois. Está escrito, estão uma data de coisas resumidas. Ainda não escolhi todas, mas não sei...»

(Ana Nascimento Piedade, *Em Diálogo com Eduardo Lourenço*, Lisboa, Gradiva, 2015, p. 56).

Quando foi decidido reunir no primeiro volume das Obras Completas os dois tomos publicados de Heterodoxia, logo surgiu a ideia de se acrescentar o terceiro volume, até porque havia no Espólio de Eduardo Lourenço uma pasta que guardava os textos que deveriam compor a tal terceira parte. Que textos eram esses? Desta vez, já não aparecia um novo prólogo ao espírito da heterodoxia e surgiam alguns escritos anteriormente publicados em lugares dispersos, bem como outros inéditos, a saber: “Nós e a Filosofia”, “Montaigne ou o lugar vazio”, “Joaquim de Carvalho e a ideia de uma Filosofia portuguesa”, “O Poeta do religioso. Evocação de Sören Kierkegaard”, “À Margem de Quatro Livros e de uma só Canção”, “A Linguagem em questão ou a Filosofia”, “O Lá-Fora de Portugal”, “Nacionalistas e Estrangeirados”, “Circunstância de um Moralista”, “St. Agostinho – Tabu do Ocidente”, “Kierkegaard e o Sistema”, “Da Evidência como Questão” e “A Invenção da Filosofia como Praxis Cultural”. Que poderíamos concluir da consulta desta pasta e da sua comparação com a tábua de matérias manuscrita de que se falou atrás? À primeira vista, Heterodoxia III tem agora uma feição por assim dizer mais estritamente filosófica, retirados que foram os textos sobre Portugal e as antigas colónias.

Não me foi por isso muito difícil compor a terceira parte de Heterodoxia, pois Eduardo Lourenço já tinha praticamente escolhido todos os novos textos que vieram a comparecer em Heterodoxias. Ainda assim, acrescentei a esta lista:

- a) o ensaio redigido em francês com o título “Montaigne ou la vie écrite”;
- b) uma recensão crítica sobre uma edição portuguesa dos Ensaios do mesmo Montaigne;
- c) dois excertos de textos inéditos manuscritos e inacabados que Eduardo Lourenço entendeu preferível publicar assim mesmo;
- d) um depoimento ao jornal Público sobre as relações entre Heidegger e o nazismo;
- e) um texto publicado no Brasil sobre as relações entre filosofia e literatura;
- f) um texto sobre o filósofo José Gil;
- g) uma conferência proferida em Salamanca sobre o conceito de Morte de Schopenhauer a Unamuno;
- h) uma conferência sobre Nietzsche;
- j) o prefácio à edição portuguesa do livro Os filósofos e o amor.

Decidiu-se também recuperar textos de natureza filosófica (embora o ensaísmo de Eduardo Lourenço torne difícil que se defina quaisquer dos seus textos desta maneira demasiado simples) publicados ou redigidos em épocas contemporâneas dos volumes I e II de Heterodoxia, integrando-os em secções com os títulos respectivamente de Tempo de Heterodoxia I e Tempo de Heterodoxia II. Deste modo, julguei ter conseguido reunir todo o ensaísmo filosófico de Eduardo Lourenço disponível em 2011. Lembro-me ainda que Eduardo Lourenço excluiu deste volume Heterodoxias dois textos inéditos sobre o tema da chamada Filosofia Portuguesa e que, de certa forma, poderiam caber aqui, dado que na tábua de matérias há pouco mencionada estava previsto um texto precisamente com o título “A Questão da Filosofia Portuguesa e a Filosofia Portuguesa em Questão”. Um dos textos era uma resposta a uma crítica que Joel Serrão fizera aparecer em dois artigos de O Comércio do Porto em Agosto de 1955 e nos quais este procurava demolir, sem dó nem piedade, o grupo de Álvaro Ribeiro. O outro era uma crítica do próprio Eduardo Lourenço ao mesmo Álvaro Ribeiro que, por vontade expressa do autor, continuou inédito.

Ora, o primeiro destes textos, intitulado “A querela da Filosofia Portuguesa. Carta a Joel Serrão” não é, em bom rigor, totalmente inédito. É que em 9 de Maio de 2001, o próprio Eduardo Lourenço facultou-me cópia deste manuscrito, o que me permitiu usá-lo no texto da minha Dissertação de Doutoramento, onde o cito por diversas vezes. Assim, quando preparávamos o primeiro volume das Obras Completas, recordei ao autor que esse manuscrito já era conhecido de alguns leitores que eventualmente tivessem lido a minha Dissertação, entretanto publicada em livro. Todavia, o argumento mobilizado por Eduardo Lourenço para excluir “A querela da Filosofia Portuguesa. Carta a Joel Serrão” das suas Obras revelou-se irrefutável. Cito de cor as suas palavras: «A verdade é que, dado nunca escrevi mais nada acerca do Joel Serrão, não quero que se fique com a impressão de que estou mais distante dele do que do grupo do Álvaro Ribeiro». Com efeito, “A querela da Filosofia Portuguesa. Carta a Joel Serrão” é sobretudo uma crítica não ao grupo da chamada Filosofia Portuguesa, mas sobretudo uma rejeição dos pressupostos dos quais Joel Serrão parte para atacar esse grupo. Por isso, trata-se de um ensaio que não faz justiça ao valor intelectual que Eduardo Lourenço reconhece em Joel Serrão e sobre o qual não tivera oportunidade (ou vontade) de escrever.

Sobre este novo título que pluraliza o conceito de Heterodoxia, Eduardo Lourenço também fala numa entrevista concedida em 23 de Dezembro de 2011 à revista *Actual* do jornal *Expresso*. Permitam-me que a cite:

« – A Gulbenkian começou a reeditar as suas obras. O primeiro volume chama-se Heterodoxias. Um plural que permite várias leituras...

– Mas, sabe, esse título não é meu. O jovem filósofo que se encarregou desta edição dá a isso uma interpretação da minha mudança, da pluralidade de heterodoxias. Ou seja, de uma certa incoerência ou equivocidade do meu próprio conceito de heterodoxia. Eu não disse heterodoxias. Porque cela va de soi, no sentido em que a heterodoxia é a exigência do discurso da diferença.

– Poderia ser um plural destinado a lançar um olhar irónico sobre a sua própria criação original...

– Tem razão. Porque eu, com a Heterodoxia, não pretendo dizer que ela é a única. Tem um sentido negativo. São os discursos da liberdade de discordar. Não só dos outros como de si mesmo.»

(Eduardo Lourenço, entrevista por Rosa Pedroso Lima e Valdemar Cruz, Revista *Actual de Expresso*, 23/XII/2011, p. 11).

Imagem nº 1



